

REVISTA REDAÇÃO	16
PROFESSOR: Lucas Rocha	
DISCIPLINA: Redação	DATA: 12/05/2013

Ataque conjunto contra o câncer (MÔNICA TARANTIUNO e MONIQUE OLIVEIRA)

Equipes integradas por especialistas de diversas áreas e novas drogas que impedem o crescimento dos tumores elevam as chances de cura a um patamar inédito. E isso só foi possível quando se descobriu que a doença é muito mais complexa do que se sabia



UM DOS mais formidáveis progressos registrados pela medicina nos últimos anos se deu no entendimento do que é o câncer, doença que acometerá 27 milhões de pessoas no mundo na próxima década e cerca de 619 mil brasileiros em 2025, conforme estimativas do Instituto Nacional do Câncer (Inca). O conceito mais atual a seu respeito dá conta de que ela é muito mais complexa do que se pensava e que não pode ser considerada uma só enfermidade. "São várias doenças que têm, em comum, o fato de serem um agrupamento de células similares com alterações no seu código genético", explica o oncologista Paulo Hoff, diretor clínico do Instituto do Câncer de São Paulo (Icesp) e do Hospital Sírio-Libanês, ambos em São Paulo. "Cada tumor é diferente do outro", enfatiza o médico.

Essa constatação – uma das mais importantes na história da luta da ciência contra a doença – está imprimindo uma revolução na maneira de combatê-la. Nos hospitais, por exemplo, as equipes responsáveis pelo atendimento ao paciente estão abrindo espaço para profissionais como biólogos moleculares, capacitados a identificar com mais precisão a natureza do tumor. Nos centros de pesquisa, integram os mesmos estudos patologistas e bioengenheiros, matemáticos e geneticistas. Nos laboratórios das indústrias farmacêuticas, a busca agora não é mais por um remédio único que, com uma cartada só, ataque vários tumores ao mesmo tempo. Procura-se hoje o contrário: drogas com o poder de atingir substâncias únicas, associadas a tumores específicos, e também medicações para agir sobre engrenagens envolvidas na proliferação das células doentes, como seu metabolismo e os tecidos ao seu redor. É assim que está se criando a nova forma de curar o câncer.

1

REMÉDIOS DE PONTA

Confira algumas medicações recentemente aprovadas ou que estão por vir:

Rim

Nivolumabe (Bristol)
Um estudo global em fase final mostra resultados animadores. A droga estimula células de defesa a reconhecer e combater o tumor

Axitinibe (Pfizer)
Deve chegar no segundo semestre deste ano. Impede a formação de novos vasos sanguíneos (ação antiangiogênica) e a proliferação tumoral

Colorretal

Regorafenibe (Bayer)
Bloqueia enzimas que nutrem o tumor, é antiangiogênico e impede que células tumorais encontrem ambiente favorável para fixação. Foi aprovado nos EUA, mas por aqui não foi liberado

Câncer de mama metastático

Pertuzumabe e trastuzumabe-entansina (Roche)
São dois remédios importantes para pacientes com alteração no gene HER2. Foram aprovados nos EUA e na Europa e estão em fase de análise no Brasil

O ponto de partida para as transformações em andamento foi a descoberta do peso da genética no surgimento e desenvolvimento da doença. Sabia-se que os genes tinham influência, mas só depois da divulgação dos resultados do genoma humano, em 2003, ficou claro que eles são mais decisivos do que se supunha. Por vários motivos. O primeiro: há uma quantidade impressionante de genes sendo associados a diferentes tumores. Essas informações estão permitindo, por exemplo, o estabelecimento de programas de prevenção mais focados e eficazes. No Brasil, há um ótimo exemplo disso. A oncogeneticista Maria Isabel Achatz, do Hospital A.C. Camargo, em São Paulo, monitora 102 pacientes portadores de uma mutação no gene TP53. É o maior grupo do mundo em acompanhamento em um único centro médico. A alteração deixa os indivíduos mais predispostos a ter alguns tipos de tumores ao longo da vida. "São pessoas que precisam de acompanhamento para que a doença seja detectada no início", diz a especialista. Desse modo, podem ser tratadas de forma menos agressiva e com maiores chances de cura.

2

CAMINHOS FUTUROS

Estudam-se "modelos de encaixe" das medicações, baseados em tecnologias tridimensionais que possibilitam pequenas modificações na estrutura molecular dos remédios. Isso permitirá que um mesmo princípio ativo possa ser aplicado a diferentes tumores apenas adaptando o encaixe da substância para o tipo específico de célula tumoral

Fortalecimento da terapia-alvo

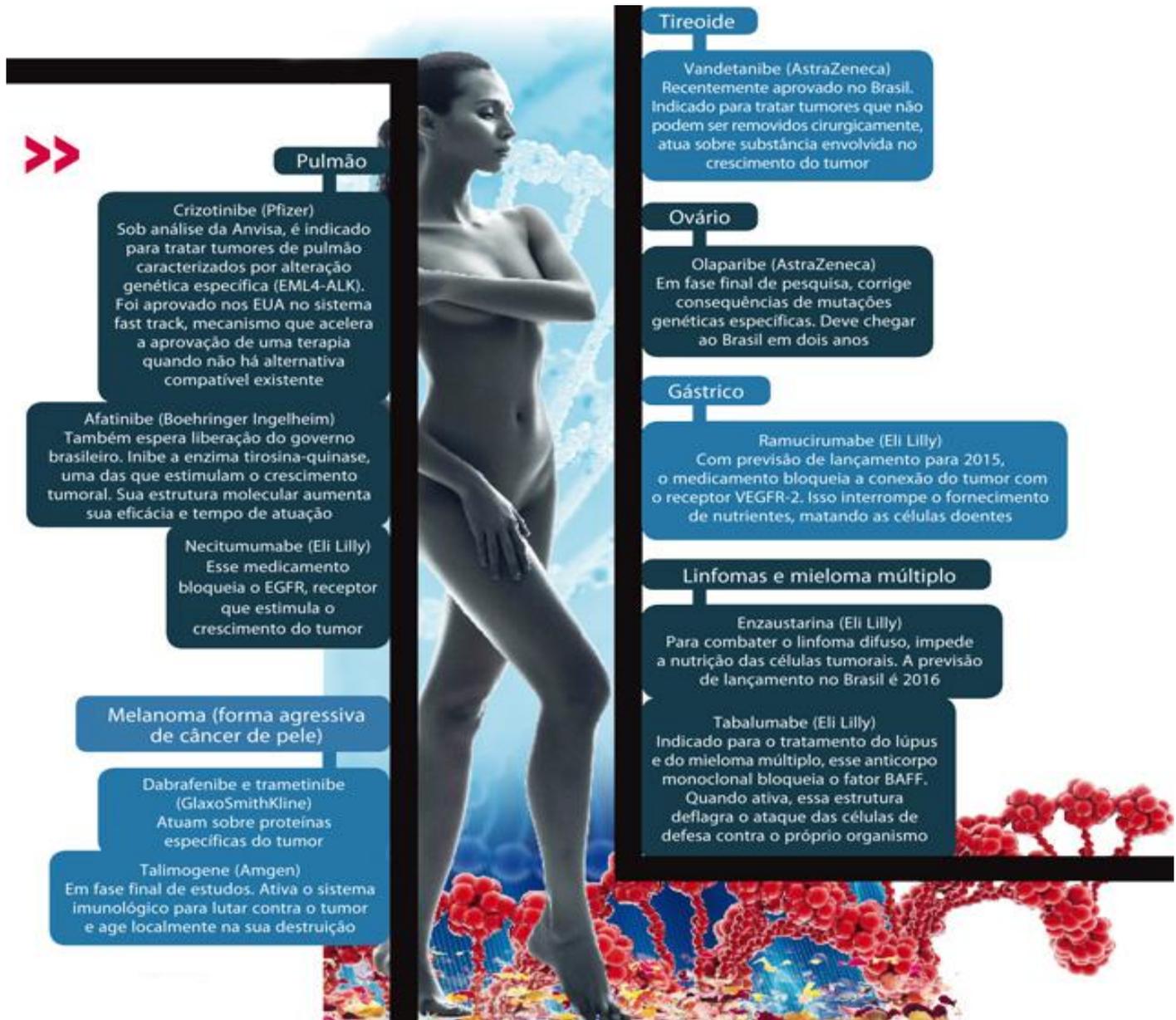
Os remédios criados para atingir substâncias específicas das células doentes podem perder eficácia quando elas param de produzir esses compostos e procuram outra via de crescimento, muitas vezes por meio de outra mutação genética. Novos tratamentos estão sendo planejados para evitar o surgimento dessas novas vias no organismo

O maior conhecimento genético está levando também à criação de exames reveladores. Na Alemanha, o teste BreastNext™ avalia 14 genes relacionados aos cânceres de mama e ovário. Outros investigam uma gama maior de genes para tumor colorretal e há opções com o poder de ler em média 35 mil genes, indicando alterações associadas à enfermidade e outras com interpretação ainda desconhecida para a medicina.



DE VOLTA À VIDA

Após sofrer com os efeitos adversos de uma quimioterapia malsucedida contra o melanoma, a professora Adriana Van Deursen, 48 anos, foi tratada com remédio que fortalece o sistema imunológico para atacar a doença. "Venci o câncer com a ajuda dos avanços da medicina. Não há mais sinais do tumor e voltei ao trabalho"



A detecção de indivíduos com maior risco promove a disseminação do aconselhamento genético. Nos principais centros de tratamento do mundo, já existem serviços destinados a orientar pacientes sobre suas chances de realmente desenvolver a enfermidade por causa de genes mutados. Por aqui, há opções em universidades e hospitais de referência. Para expandir esse alcance, oncogeneticistas criaram a Rede Nacional de Câncer Familiar (hereditário). A entidade está avaliando os custos da aplicação na rede pública de testes genéticos para rastrear a predisposição a 12 tipos. "Queremos capacitar hospitais e serviços para ter geneticistas que atendam pacientes com história familiar de câncer", diz Marisa Breitenbach, coordenadora de pesquisa do Inca.

Decifrar qual gene está vinculado a que tumor também abriu a porta para que a ciência começasse a identificar as consequências dessas associações. Que proteínas são fabricadas – ou deixam de ser liberadas – por causa da influência genética? Cada resposta obtida torna mais fácil arquitetar remédios capazes de solucionar os problemas criados pelos genes. Um dos mais novos dessa categoria é o crizotinibe (Pfizer), indicado para combater um tipo raro de tumor de pulmão (não pequenas células – NSCLC) porque corrige um desequilíbrio causado por alterações provocadas pela mistura de genes batizada de EML4-ALK, associada ao tumor. O medicamento está em uso na Europa e nos Estados Unidos e no Brasil aguarda liberação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Na mesma linha há o pertuzumabe e o trastuzumabe-entansina (Roche), para tratar o câncer de mama metastático em mulheres que apresentam mutação no gene HER2 (também esperam liberação pela Anvisa), e o olaparibe (AstraZeneca), em fase final de pesquisa contra o tumor de ovário.



AVANÇO O cirurgião Melani lidera centro pioneiro de ensino de cirurgia laparoscópica contra o câncer, em Barretos, em São Paulo

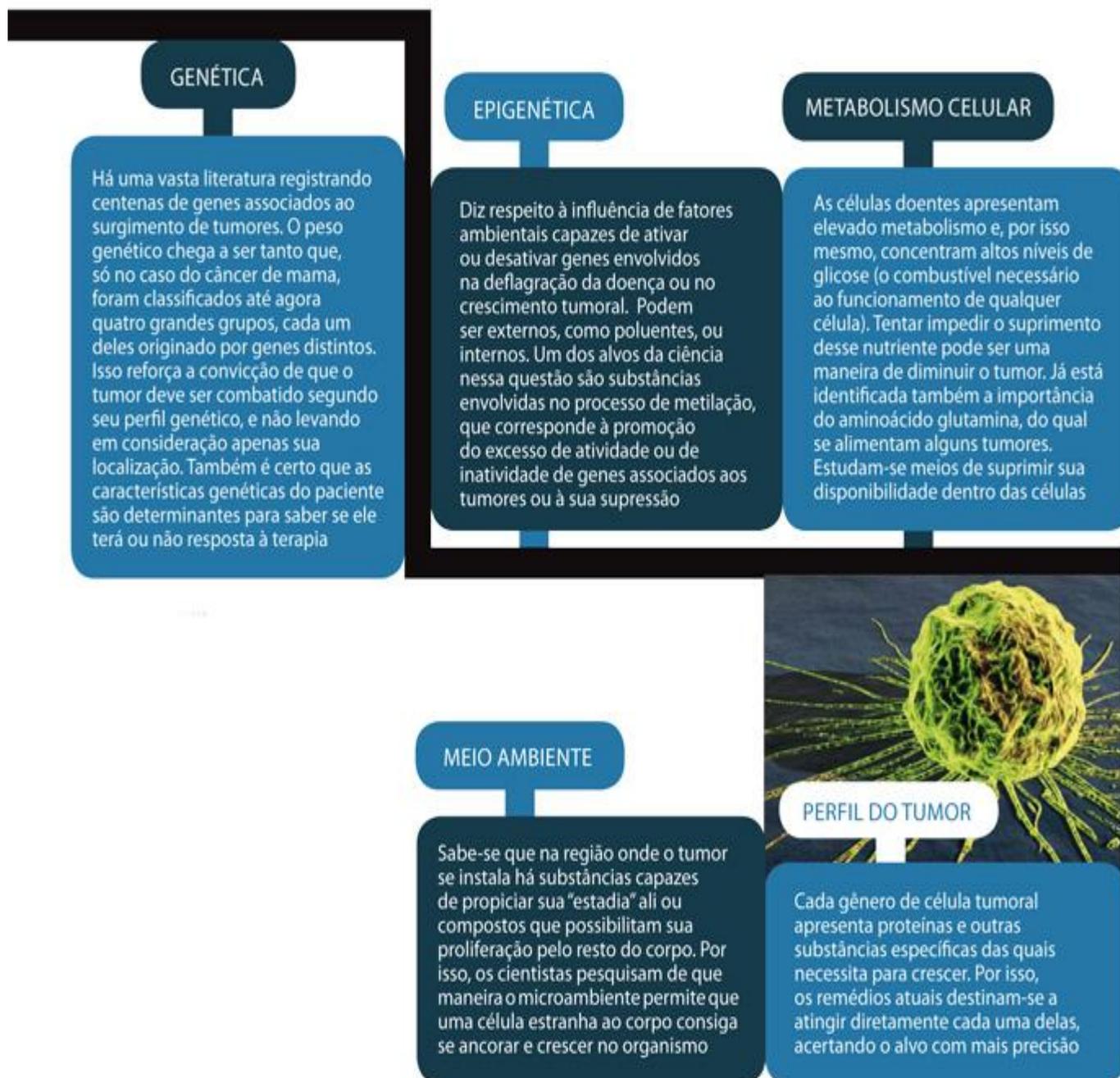


A CORAGEM DE SABER

Noventa pessoas da mesma família aceitaram ser testadas pela oncogeneticista Maria Isabel Achatz depois que uma parente descobriu-se portadora do gene mutado TP53, que eleva em 60% o risco de ter tumores. Terezinha Godinho da Silva, 80 anos (ao centro), possui essa mesma mutação, mas nunca teve câncer. Os testes do neto Vitor, 35 anos, indicaram o gene alterado e um tumor de tireoide inicial, logo removido. Sua irmã Aline, 33 anos, também portadora da mutação, faz exames regulares e continua livre da doença. "E meu filho Bruno (blusa verde) e meu sobrinho Luciano não têm a mutação", diz Aline.

Outro resultado igualmente importante do aprofundamento das informações sobre câncer e DNA é a constatação de que o perfil genético do tumor é determinante para o tratamento. Hoje, tão fundamental quanto saber o órgão atingido é conhecer as mutações genéticas às quais ele está vinculado. Além disso, contam as características de DNA de cada paciente e como elas influenciam a resposta à terapia. Um remédio pode funcionar para um, e não para outro, mesmo que os dois apresentem tumores iguais. “Quanto mais específica a droga, mais específico é o paciente que irá recebê-la”, diz Luiz Fernando Reis, diretor de pesquisa do Hospital Sírio-Libanês. Cientes do desafio, os pesquisadores investem no desenvolvimento de testes para distinguir quem realmente irá se beneficiar da droga em questão. Atualmente, há exames do gênero para medicações contra tumor de mama, pulmão, melanoma, rins, colorretal e certos tumores do sistema nervoso central. Fora do Brasil há maior variedade relacionada a remédios ainda não aprovados aqui.

3 MAIS COMPLEXO DO QUE SE IMAGINAVA



NOVOS RECURSOS

Rafaela Oliveira, 14 anos, recorreu a novas terapias contra um tumor ósseo no pé detectado em fase avançada. Primeiro, integrou um estudo que avaliou os resultados do transplante de medula contra a doença. Deu certo. Agora toma um remédio que está em teste. “Os exames revelam que a Rafa venceu o câncer”, diz a mãe, Claudia.



de várias situações. Uma delas é apontar se o tratamento está fazendo efeito. Outra seria auxiliar no diagnóstico extremamente precoce da doença, em um estágio que até hoje a medicina não foi capaz de atingir.

Toda essa complexidade que caracteriza a doença está desencadeando o surgimento de um esquema de trabalho



OPERAÇÃO OUSADA

Antônio Myake, 50 anos, fez uma operação em duas etapas para extrair nódulos malignos no fígado originados por um tumor de intestino. “Ganhei vida nova. Meu fígado está ótimo e eu, bem disposto”

O enfrentamento mais abrangente do câncer foi fortalecido ainda após a identificação de novos fatores relacionados ao crescimento das células doentes. O chamado microambiente tumoral é um deles. Trata-se da avaliação das características do tecido ao redor do tumor para saber em que medida ele estimula sua evolução. “A estratégia é modificar o contexto no qual as células tumorais estão inseridas”, afirmou à ISTOÉ Mina Bissell, chefe da divisão de ciência do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley, dos Estados Unidos, uma das mais renomadas pesquisadoras de câncer de mama do mundo. Um dos primeiros remédios a agir no microambiente tumoral foi o regorafenibe (Bayer). Nos EUA, foi autorizado para o tratamento do câncer de cólon.

Uma condição que também facilita a proliferação das células doentes é seu metabolismo diferenciado. Para se multiplicar sem freio, elas acabam se valendo de um estoque fenomenal de glicose, o combustível usado normalmente por toda célula para funcionar. E também recorrem a substâncias das quais extraem energia como o aminoácido glutamina. Grupos de pesquisadores estão trabalhando para encontrar meios de impedir a utilização das duas substâncias – glicose e glutamina – pelas células tumorais.

Exploram-se ainda os aspectos ligados à imunidade. A proposta é fazer com que mecanismos normais do sistema imunológico aprendam a reconhecer a célula doente, o que não ocorre normalmente no câncer. Um dos medicamentos em uso no País, o ipilimumabe (Bristol-Myers Squibb), combate o melanoma, o mais agressivo dos cânceres de pele, por essa via. “A tendência é dar remédios que curem, sem a necessidade de cirurgias e mutilações”, afirma Antonio Carlos Buzaid, chefe do Centro Avançado de Oncologia do Hospital São José, em São Paulo.

Uma das linhas mais recentes em pesquisa investiga o que os pesquisadores chamam de “assinatura” do tumor. Descobriu-se que as células tumorais despejam na corrente sanguínea fragmentos de seu próprio material genético (o DNA tumoral). Esse material, acreditam os cientistas, pode servir como indicativo

interdisciplinar no qual os oncologistas e cirurgiões trabalham cada vez mais integrados a equipes compostas também por oncogeneticistas, patologistas e bioquímicos. O grupo maneja informações fundamentais para determinar qual será o roteiro da terapia de cada paciente. O papel de cada membro do time também ganha contornos mais atuais. “Antes fazíamos o diagnóstico para conhecer as características do tumor e seu estágio. Agora, procuramos genes que ajudam a definir os medicamentos que serão dados”, diz Isabela Cunha, responsável pelo Departamento de Patologia Molecular aplicada ao diagnóstico do Hospital A. C. Camargo.

O REFINAMENTO NAS CIRURGIAS

Os remédios mais eficientes estão tirando muita gente da fila da cirurgia. Mas quando ela precisa ser feita, é realizada com menos danos. No Hospital do Câncer de Barretos (SP), funciona uma avançada escola que ensina a remover tumores por laparoscopia (caracterizada pelo uso de cânulas introduzidas no local da operação por cortes pequenos). Salas similares existem em Estrasburgo, na França, e em Taiwan, na China. "Trabalhos começam a evidenciar menor risco de infecção e sobrevida maior em alguns casos. Um deles é o tumor de cólon em estágio inicial", diz o cirurgião Armando Melani, diretor dessa seção do Institut de Recherche contre les Cancers de l'Appareil Digestif instalada em Barretos.

Outro exemplo de aprimoramento cirúrgico pode ser visto no A. C. Camargo (SP). Por ano, 70 pacientes são submetidos a uma operação chamada hepatectomia em dois tempos. A técnica permite retirar metástases no fígado originadas por tumores de intestino. Primeiro, os cirurgiões removem os nódulos do lado esquerdo do órgão. Depois, fecham os vasos que irrigam a porção direita. Sem nutrição, a área murcha. Nas semanas seguintes, a equipe acompanha o crescimento do lado esquerdo até que ele atinja o volume necessário para dar conta sozinho de todo o trabalho. Quando isso ocorre, nova cirurgia extrai os tecidos (e nódulos) da parte direita, mortos por desnutrição. "Com essa técnica, hoje tiramos tumores que há dez anos não era possível remover e ampliamos a indicação da cirurgia de 20% para até 50% dos pacientes", afirma Felipe Coimbra, diretor de Cirurgia Abdominal do hospital. Outra versão da cirurgia é usada no Instituto do Câncer de São Paulo.

examinar alguém, vão a um consultório onde são aguardados pelos pacientes e por seus prontuários. Para o mesmo andar destinado a esse ambulatório também foi remanejado o serviço de odontologia. "Isso agiliza o atendimento e permite que ele seja mais completo", diz Vinícius Vasquez, diretor clínico do Hospital de Barretos. O modelo foi adaptado do hospital MD Anderson, nos EUA.

Ver-se diante do fato de que o câncer não pode ser tratado com uma só receita também obrigou a medicina a tornar mais maleável a sua definição de cura da doença. Segundo o conceito clássico, podia se dizer curada a pessoa que estivesse cinco anos sem a enfermidade. Hoje, com o conhecimento a respeito das peculiaridades de cada tumor, isso não é mais aplicável a todos os casos. "Em cânceres de estômago e pulmão, que são muito agressivos, é possível falar em cura quando a doença não se manifesta depois de cinco anos após o tratamento. Mas para alguns tipos de câncer de mama esse prazo é maior", diz Rafael Kalics, diretor do Instituto Oncogua, entidade de apoio aos pacientes.

AS RESTRIÇÕES DO SUS

O tratamento na rede pública está em defasagem com os progressos na terapia do câncer. O SUS hoje aceita pagar o teste para detectar a mutação no gene HER2, cuja presença define se a paciente pode receber o remédio trastuzumabe, contra o câncer de mama. Mas o teste só foi liberado para mulheres na fase inicial da doença. "É um engano não permitir o acesso à droga das pacientes com metástases do câncer de mama", diz o oncologista Paulo Hoff, do Icesp. "Seria importante rever essa decisão, já que foi liberado pela maioria dos países para casos avançados", afirma.

Fora isso, o SUS custeia apenas três terapias-alvo: o imatinibe (Novartis), para combater tumores do tipo GIST (no trato gastrointestinal) e leucemia mieloide crônica (LMC); o dasatinibe (Bristol-Myers Squibb), segunda opção para a LMC; e o rituximabe (Roche), contra linfomas de grandes células. Operadoras de saúde também restringem o acesso. Tramita na Câmara Federal um



AMPLIAÇÃO O médico Hoff critica a restrição na rede pública a remédios contra o câncer de mama avançado

projeto de lei para obrigar a cobertura da quimioterapia oral (o que abrange diversas terapias-alvo). A matéria foi aprovada por unanimidade no Senado e, se passar pelas comissões de Seguridade Social e Família, de Constituição e Justiça e de Cidadania, irá direto para sanção da presidenta Dilma Rousseff. "O acesso a tratamentos modernos é uma urgência social", diz Luciana Holtz, presidente do Instituto Oncogua.

E cresce a aproximação entre os médicos e os cientistas que estão no laboratório. "A troca de informações e sua aplicação no tratamento são cada vez mais essenciais", diz o biólogo e bioquímico Emmanuel Dias-Netto, do Centro Internacional de Pesquisa do hospital paulista. No cotidiano, Dias-Netto, que participou dos principais estudos internacionais do genoma, é peça-chave na discussão de casos intrincados de cânceres hereditários. Em seu laboratório, há máquinas que sequenciam o genoma inteiro de um tumor ou do paciente em um dia. Mas é um recurso ainda usado em caráter experimental e reservado a raros casos.

A nova dinâmica já se reflete em mudanças na estrutura física dos principais hospitais. No Hospital do Câncer de Barretos, no interior de São Paulo, foram abolidos os consultórios individuais para ver pacientes. No dia destinado ao atendimento dos doentes com tumores de cabeça e pescoço, por exemplo, os especialistas dessa área ficam em uma sala coletiva onde se consultam mutuamente sobre os casos. Lá estão oncologistas clínicos, cirurgiões, radioterapeutas, especialistas em quimioterapia. Na hora de



AÇÃO INTERDISCIPLINAR

No hospital A.C. Camargo (SP), a troca de informações sobre pacientes é parte da rotina entre o cirurgião Felipe Coimbra, a patologista Isabela Cunha, a oncogeneticista Marisa Isabel Achatz, o bioquímico Emmanuel Dias-Netto e a oncologista clínica Solange Sanches (da esq. para a dir.)

Apesar das diferenças, é incontestável que a medicina alcançou um patamar histórico de vitória. Segundo o Instituto Nacional de Saúde dos EUA, há 38 anos, naquele país, metade das pessoas com câncer era curada. Hoje, são 68%. Entre as crianças, a taxa média de cura era de 62%. Atualmente, está em 81%. Nos casos de tumor de tireoide flagrados no começo, as estatísticas americanas mostram que, após cinco anos, 99,9% dos pacientes estão livres da doença.

É sabido também que dificilmente haverá uma única fórmula que cure todos os gêneros

de tumor. "O caminho será o da personalização do tratamento", diz o oncologista Stephen Stefani, do Instituto do Câncer do Hospital Mãe de Deus, em Porto Alegre. Tudo isso graças ao avanço na compreensão da enfermidade. "E quanto mais estudarmos de que forma as células envelhecem, mais saberemos sobre a doença", garantiu à ISTOÉ Phillip Sharp, prêmio Nobel de Medicina em 1993 e hoje diretor do Laboratório de Estudos do Câncer do Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos.

Fontes: Laboratórios Amgen, AstraZeneca, Bayer, Boehringer Ingelheim do Brasil, GlaxoSmithKline, Pfizer, Eli Lilly e Roche. Fotos: Pedro Dias/ag. istoé; tininho jr./ag. Istoé. Fotos: Pedro Dias/ag. istoé; roberval a. oliveira/foto central; Kelsen Fernandes. Fotos: João Castellano/Ag. Istoé; pedro dias/ ag. istoé

MÔNICA TARANTIUNO e MONIQUE OLIVEIRA são Jornalistas e escrevem para esta publicação. **Revista ISTO É, Maio de 2013.**

Para além do niilismo (LUIZ FELIPE PONDÉ)

O leitor sabe que meu pecado espiritual é o niilismo. Enfrento-o dia a dia como qualquer moléstia incurável. O tema já foi tratado por gênios como Nietzsche, Turguêniev, Dostoiévski, Cioran. Deixo meu leitor em companhia desses gigantes, muito melhores do que eu.

A tragédia também me acompanha em todo café da manhã, essa concepção grega de mundo que julgo a mais correta já pensada. Aqui tenho grandes parceiros como o autor da tragédia ática Sófocles (entre outros), o filósofo Nietzsche, o dramaturgo Shakespeare e os escritores contemporâneos Albert Camus e Philip Roth. Ambos, niilismo e tragédia, são visões de mundo que arruinam a vida. Diante deles, ateísmo é para iniciantes. O ateísmo só é aceitável quando blasé e sem associações de ateus militantes. Para niilistas como eu, o ateísmo crente em si mesmo é brincadeira de meninas com fita cor-de-rosa amarrada na cabeça.

Ando de saco cheio do niilismo e da tragédia, apesar de continuar experimentando-os todo dia. Em termos morais, a virtude máxima para ambos é a coragem, e o vício mais a mão, a covardia. Nos últimos tempos, tenho me interessado por outra virtude, a confiança, essa, tão difícil quanto a coragem, uma vez tomada a alma pelo niilismo e pela tragédia. É sobre ela que quero falar nesta segunda-feira, dia normalmente difícil, acompanhado do "bode" do domingo e da monotonia do dia a dia que recomeça imerso num sono que nunca descansa, porque sempre atormentado pela dúvida com relação ao amor, à família, ao trabalho e à viabilidade do futuro.

Meu maior pecado como escritor é jamais enganar, jamais querer agradar. Essa é minha forma de prestar respeito a quem me lê semanalmente. O caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de desejo de agradar a quem o lê. Amar cães e confiar neles é mais fácil do que amar seres humanos e confiar neles. Por isso, num mundo atormentado pela dúvida niilista, ainda que em constante denegação dela, tanta gente se lança à defesa melosa de cães e gatos e exige carne de frangos felizes na hora de comer em restaurantes ridículos. Quero propor a você duas obras. Um filme e um livro que julgo entre os maiores exemplos da arte a serviço da confiança na vida.

O filme "As Damas do Bois de Boulogne", do cineasta francês Robert Bresson, de 1945, é uma pérola sobre a confiança na vida e nos laços afetivos. Bresson é um cineasta muito marcado pelo pensamento do escritor George Bernanos, grande anatomista da alma e especialista em nossa natureza vaidosa, mentirosa e, por isso mesmo, desesperada. Coisa para gente grande, rara hoje em dia, neste mundo governado por adultos infantis.

O filme trata da vingança de uma mulher belíssima contra seu ex-amante (que a abandonou), um homem frívolo e covarde por temperamento. Essa vingança se constitui na aposta de que ele e a mulher que ela "contrata" para sua vingança agirão do modo esperado. Sua intenção é fazer com que seu ex-amante se apaixone por essa mulher "contratada", uma prostituta. O homem é mantido na ignorância da vida pregressa de sua noiva até depois do casamento. O que a mulher abandonada não contava é que a prostituta se apaixonasse pelo covarde, levando-o a transformação inesperada de caráter.

O amor também é personagem central da obra do dinamarquês Soren Kierkegaard "As Obras do Amor", da Vozes. Esse livro é o texto mais belo que conheço sobre o amor na filosofia ocidental. Segundo nosso existencialista, o amor tudo crê, mas nunca se ilude porque, assim como a desconfiança e o ceticismo, o amor sabe que o conhecimento não é capaz de nada além do que fundamentar o niilismo, o ceticismo e o desespero.

O amor é um afeto moral, não um ato da razão. A razão não justifica a vida. O amor é uma escolha de investimento na vida, uma atitude, mesmo que a razão prove a falta de sentido último de tudo. Ingênuos são os niilistas e céticos que consideram a desconfiança um ato livre da vontade. A desconfiança é uma escravidão. A aposta na vida é que mostra o caráter maduro de mulheres e homens. Boa semana.

LUIZ FELIPE PONDÉ, pernambucano, filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

Os maiores medos das mães (RUTH DE AQUINO)

NÃO IMPORTA a classe social. Não importa a idade. Ou o endereço e a profissão. Não importa se é casada ou solteira. O maior medo da mãe é que seu filho ou sua filha não seja feliz. Por mais impalpável que seja esse medo, por mais subjetivo que seja o conceito de felicidade, a mãe, em sua onipotência, acredita ser a pessoa mais essencial para fazer de seu filho ou de sua filha um adulto feliz.

Um dos medos comuns é não ser uma boa mãe – e esse adjetivo tem dezenas de significados. O que é ser boa mãe? Ela costuma ter obsessão em manter o filho e a filha alimentados, agasalhados e saudáveis, qualquer que seja a idade, como se isso os livrasse de todas as maldades do mundo. Tantas mulheres se culpam pelas desventuras dos filhos. Onde foi que errei? É uma culpa inútil, não leva a nada. Uma culpa perigosa, porque retira dos filhos a responsabilidade por seus caminhos e os infantiliza.

Existe hoje, nas famílias, um medo mais concreto, quase tão paralisante quanto um pesadelo. É um medo maior que o filho ficar sem emprego ou ser assaltado. As mães receiam que os filhos se viciem em drogas, percam a saúde e o rumo. Esse sentimento foi detectado por uma pesquisa publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo*. As drogas sempre existiram, mas, hoje, elas atemorizam 45% dos paulistanos. É muito. Fácil entender. Drogas são hoje mais letais e disseminadas. O crack e seus efeitos devastadores estão expostos nas esquinas, nos parques, na mídia. E desafiam governos, que parecem perdidos e impotentes. Não há campanhas maciças nas escolas nem conversas suficientes em casa sobre os perigos, que podem ser irreversíveis. Vejo, desolada, o choro de mães, amigas ou não, cujos filhos estão internados por cocaína. Eles entram, saem, entram de novo – a luta pela reabilitação é eterna.

Na semana passada, um atleta promissor do Fluminense, Michael, de apenas 20 anos, foi suspenso por uso de cocaína. Com os olhos marejados, Michael admitiu precisar de tratamento. Pode ficar até dois anos fora dos gramados. O problema não é o período de punição imposto a ele, mas sua chance real de se livrar do vício e de não desperdiçar seu talento e sua vida. Adianta conversar com os filhos? Adianta. Desde cedo. Mas o amor e o rigor maternos não são suficientes. Sempre defendi que escolas levem turmas de adolescentes a presídios e clínicas para escutar depoimentos de quem se deixou destruir pelas drogas. O rito da iniciação continua o mesmo, lúdico e prazeroso, como se não houvesse amanhã. Antigamente, estudantes fumavam cigarro de tabaco no banheiro da escola para transgredir e se sentir parte da turma. O mesmo acontece hoje com drogas mais letais.

Há ainda um medo específico, de mãe para filha. Apesar de toda a luta pela igualdade e contra a discriminação de gêneros, um temor persiste com a filha menina: a violência sexual, o estupro. Tive somente filhos homens. Não conheço, portanto, o medo materno de que uma filha seja vítima de abusos. Estupro é um dos crimes mais covardes e nojentos da espécie humana. E atinge incomparavelmente mais meninas e mulheres do que meninos e homens. Não há fronteiras para essa barbárie. Na semana passada, um menor armado com revólver estuprou uma jovem mulher de 30 anos num micro-ônibus no Rio de Janeiro em plena luz da tarde. Um pastor, Marcos Pereira, foi preso, acusado de ter violentado dezenas de mulheres, várias delas menores. A Escola Britânica do tradicional bairro da Urca, no Rio, prendeu em flagrante um faxineiro que filmava alunas adolescentes com um celular escondido no banheiro.

Em Cleveland, nos Estados Unidos, foi preso um ex-motorista de ônibus escolar, o porto-riquenho Ariel Castro, de 52 anos, que estuprava e mantinha em cativeiro três jovens, raptadas por ele entre 2002 e 2004. No Brasil e no mundo, meninas e mulheres estão sendo estupradas neste exato instante, por pais, parentes, ex-maridos e ex-namorados, vizinhos, conhecidos e desconhecidos.

A mãe do menor que estuprou a passageira do ônibus, uma mulher de 45 anos que vive numa favela carioca, entregou o filho à polícia e disse: "Criei ele com tanto carinho. Nunca imaginei que fosse capaz de cometer um crime desses". A mãe

do algoz sequestrador nos Estados Unidos, Lílian Rodriguez, disse, chorando: "Sou uma mãe com dor. Peço desculpas pelo que meu filho fez. Peço perdão a essas mães – e que as meninas me perdoem. Tenho um filho doente que cometeu um crime terrível". É duro para as mães. Depois de engravidar, parir, amamentar, embalar, passar noites em claro, criar, educar, desdobrar-se em trabalho dentro e fora de casa, elas só querem que seus filhos e filhas sejam felizes.

RUTH DE AQUINO é colunista de ÉPOCA. E-mail: raquino@edglobo.com.br. **Revista ÉPOCA, Maio de 2013.**

Olhe o outro (ROSELY SAYÃO)

FUI TESTEMUNHA de uma cena que considerarei comovente. Estava esperando uma colega à porta de uma escola, era a hora da saída dos alunos. Mães, pais e crianças deixavam o espaço escolar com diferentes humores e comportamentos. Quem já teve a oportunidade de assistir a cenas semelhantes sabe que esse pode ser um momento um pouco confuso e barulhento, mas é sempre muito rico para quem gosta de observar a interação entre pais e filhos.

Uma mulher e seu filho, de uns cinco anos mais ou menos, chamou a atenção do meu olhar. Passei a acompanhá-los logo que passaram por mim. Ela andava um pouco atrás do menino, que estava totalmente focado em algo que levava nas mãos. De repente, o menino jogou um objeto no chão e continuou a caminhar em direção ao carro que - logo depois percebi - estava bem próximo ao local onde eles e eu estávamos. Foi o desenrolar desse acontecimento que considerarei comovente e, por isso, compartilho com você, caro leitor. Essa mãe olhou bem para o entorno de onde estavam e, em seguida, chamou o filho. O garoto atendeu ao chamado da mãe de imediato e, assim que ele chegou perto dela, vi a mãe se abaixar e conversar com o filho em um tom bem tranquilo.

Eu imaginei que ela fosse mandar o garoto pegar do chão aquilo que ele jogara e colocar no lixo, que estava próximo. Só essa atitude da mãe, que eu pensei que fosse acontecer, já me surpreenderia porque, vamos convir, essa é uma iniciativa não muito comum de ser observada no espaço público. Mas essa mãe fez algo bem diferente, como descobri a partir da reação que os dois tiveram em seguida. Depois de uma breve conversa dela com o filho, que eu não pude ouvir, os dois voltaram o olhar para uma servente da escola que limpava as escadas por onde muitos pais saíam com seus filhos. Na sequência, o garoto pegou do chão o que jogara - parecia um pedaço de lápis colorido - e levou até o cesto de lixo. E, calmamente, os dois entraram no carro e foram embora.

Devo confessar que senti uma imensa vontade de caminhar até essa mãe e parabenizá-la pela sua atitude com o filho. Entretanto, tímida que sou, continuei parada onde estava, mas totalmente envolvida em meus pensamentos com o que eu acabara de presenciar. Não sei as palavras que essa mãe disse ao filho, mas percebi que ela chamou a atenção dele para a servente, uma pessoa que realizava um trabalho que a criança nem notara e que tampouco respeitara ao atirar no chão aquilo que tinha nas mãos. Eu não sei se essa mãe sabe, mas o que ela fez foi tentar despertar no filho aquilo que chamamos de empatia.

Ter empatia significa ser capaz de se identificar com o que uma outra pessoa sente em determinadas situações, em geral difíceis, que provocam emoções fortes. Estar aberto para compreender o que se passa com outra pessoa é uma maneira de se colocar disponível para ajudá-la, portanto. E isso sem falar do respeito pelo outro que a empatia provoca. Sensibilizar o filho para a empatia é parte do que nós chamamos de formação moral. Hoje, não são muitos os pais que se ocupam desse aspecto tão importante da educação dos mais novos, não é verdade? Na atualidade, a empatia é coisa rara. Estamos muito mais propensos a realizar julgamentos severos sobre outras pessoas do que inclinados a procurar compreendê-las. É que olhamos muito mais para nós mesmos do que para os outros.

A empatia é uma maneira de sair do individualismo e de se abrir para a conexão com os outros. As relações sociais melhoram muito com o desenvolvimento do sentimento de empatia, portanto. A realidade que temos vivido tem apontado incessantemente para a importância de formarmos crianças e jovens mais sensíveis aos outros. Isso pode tornar a vida deles muito melhor.

ROSELY SAYÃO psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

Campos e a homossexualidade (CONTARDO CALLIGARIS)

EM 1999, o Conselho Federal de Psicologia decretou que os psicólogos não devem propor curas para a homossexualidade, visto que a homossexualidade não é um transtorno mental. O deputado João Campos (PSDB-GO) não concorda; ele acha que o CFP não pode "restringir o trabalho dos profissionais e o direito da pessoa de receber orientação profissional".

O deputado Marco Feliciano (PSC-SP), paradoxal presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, colocou o projeto de Campos na pauta de ontem (8/5) da dita comissão. Na última hora, a pedido de Henrique Alves (PMDB-RN), presidente da Câmara, a pauta foi suspensa. Existe uma longa e sinistra história das terapias que pretendem "curar" os homossexuais, ou seja, "reorientar" ou "converter" sua sexualidade - sinistra, digo, pela violência dos remédios propostos sem fundamento clínico algum (castração, ablação do clitóris, eletroconvulsoterapia etc.).

No Irã de hoje, por exemplo, os homossexuais (que, segundo o governo, não existem) não são perseguidos se eles aceitarem uma cura que consiste na mudança forçada de sexo (engraçadamente, acharia local parece proibir a homossexualidade, mas tolerar o transexualismo). Vamos ao último capítulo dessa história, no Ocidente. Em 2001, Robert Spitzer, psiquiatra respeitado, juntou, num relatório, 200 casos de "conversão" de indivíduos "altamente motivados" (nenhum dos quais tinha sido paciente dele). O estudo parecia documentar a possibilidade de reorientar alguém sexualmente. Durante uma década, discutiu-se sobre a validade dos dados recolhidos por Spitzer.

Resultado: no ano passado, Spitzer, professor emérito da Universidade Columbia, publicou uma carta aberta na qual ele declara que seu estudo não provava que uma terapia, seja ela qual for, pudesse permitir mudar a orientação sexual de alguém e que não havia como saber se as declarações dos indivíduos entrevistados para o estudo eram confiáveis e não autoenganos ou simplesmente mentiras. Ele concluía: "Peço desculpas a qualquer pessoa gay que perdeu seu tempo e sua energia passando por algum tipo de terapia de conversão porque acreditou que eu tivesse demonstrado que a terapia de conversão funcionaria".

As terapias de reorientação ou conversão, hoje, são defendidas só por associações ou indivíduos inspirados por uma condenação moral ou religiosa da homossexualidade. Essa condenação é tão legítima quanto qualquer crença, mas ela não pode oferecer uma "cura" em nome de uma disciplina clínica. Em outras palavras, qualquer um, padre, pastor ou charlatão, pode inventar um exorcismo para desalojar o demônio do corpo dos homossexuais. Mas o médico e o psicólogo não vendem exorcismos. Em suma, sem a intervenção de Henrique Alves, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara teria desperdiçado seu tempo (e nosso dinheiro). Passemos a outra questão.

Recentemente, o pai da cantora Katy Perry, pastor evangélico, perturbado porque a filha canta uma música sobre beijar outra garota, declarou que Katy é filha do diabo. A estupidez dos outros é refresco. Mas resta que, para muitos pais, não é fácil decidir como reagir ao anúncio de que seu filho ou sua filha é gay. Sabemos que mandar o filho ou a filha para uma cura de conversão não é uma boa ideia. Em compensação, alguns pais "modernos", para evitar o ridículo do pai de Katy Perry, são tentados por uma aceitação festiva, eventualmente fingida. Como se situar nesse arco, entre "você é doente" e "que maravilha!"?

Eu optaria por uma espécie de indiferença - se possível, não fingida. Tanto a aceitação festiva quanto a maldição empurram o jovem para uma reação em que ele dará a sua orientação sexual o valor de uma identidade, como se gritasse "olha, mamãe, sou gay", quer seja para desafiar os pais e o mundo, quer seja para ganhar seu aplauso. De fato, a orientação sexual de um indivíduo não precisa ser um traço relevante de sua identidade. Em geral, quando ela se estabelece como tal, é de maneira reativa.

No caso da homossexualidade, isso é inevitável por causa da resistência social que a homossexualidade encontra. Se identificar como homossexual é uma maneira de se impor e lutar. E haverá homossexuais "assumidos" e militantes até que não haja mais Campos e Felicianos. Agora, os heterossexuais assumidos e militantes são tão reativos quanto os homossexuais. Só que, hoje, os heterossexuais não reagem contra nenhuma discriminação; talvez eles estejam reagindo contra a única homossexualidade que os ameaça: a que eles reprimem neles mesmos.

CONTARDO CALLIGARIS, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

O que é (e o que não é) sustentabilidade (ODED GRAJEW)

EMBORA em voga, o conceito de sustentabilidade ainda é pouco compreendido tanto por quem fala sobre ele quanto por quem o ouve. Nos últimos anos, intensificou-se a discussão a respeito do aquecimento global e do esgotamento dos recursos naturais. São preocupações legítimas e inquestionáveis, mas que geraram distorção no significado de sustentabilidade, restringindo-o às questões ambientais.

Não é só isso. A sustentabilidade está diretamente associada aos processos que podem se manter e melhorar ao longo do tempo. A insustentabilidade comanda processos que se esgotam. E isso depende não apenas das questões ambientais. São igualmente fundamentais os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

A sustentabilidade e a insustentabilidade se tornam claras quando traduzidas em situações práticas. Esgotar recursos naturais não é sustentável. Reciclar e evitar desperdícios é sustentável. Corrupção é insustentável. Ética é sustentável. Violência é insustentável. Paz é sustentável. Desigualdade é insustentável. Justiça social é sustentável. Baixos indicadores educacionais são insustentáveis. Educação de qualidade para todos é sustentável. Ditadura e autoritarismo são insustentáveis. Democracia é sustentável. Trabalho escravo e desemprego são insustentáveis. Trabalho decente para todos é sustentável. Poluição é insustentável. Ar e águas limpos são sustentáveis. Encher as cidades de carros é insustentável. Transporte coletivo e de bicicletas é sustentável.

Solidariedade é sustentável. Individualismo é insustentável. Cidade comandada pela especulação imobiliária é insustentável. Cidade planejada para que cada habitante tenha moradia digna, trabalho, serviços e equipamentos públicos por perto é sustentável. Sociedade que maltrata crianças, idosos e deficientes não é sustentável. Sociedade que cuida de todos é sustentável. Dados científicos mostram que o atual modelo de desenvolvimento é insustentável e ameaça a sobrevivência inclusive da espécie humana.

Provas não faltam. Destruímos quase a metade das grandes florestas do planeta, que são os pulmões do mundo. Liberamos imensa quantidade de dióxido de carbono e outros gases causadores de efeito estufa, num ciclo de aquecimento global e instabilidades climáticas. Temos solapado a fertilidade do solo e sua capacidade de sustentar a vida: 65% da terra cultivada foram perdidos e 15% estão em processo de desertificação.

Cerca de 50 mil espécies de plantas e animais desaparecem todos os anos e, em sua maior parte, em decorrência de atividades humanas. Produzimos uma sociedade planetária escandalosa e crescentemente desigual: 1.195 bilionários valem, juntos, US\$ 4,4 trilhões - ou seja, quase o dobro da renda anual dos 50% mais pobres. O 1% de mais ricos da humanidade recebe o mesmo que os 57% mais pobres.

Os gastos militares anuais passam de US\$ 1,5 trilhão, o equivalente a 66% da renda anual dos 50% mais pobres. Esse cenário pouco animador mostra a necessidade de um modelo de desenvolvimento sustentável. Cabe a nós torná-lo possível.

ODED GRAJEW, 68, empresário, é coordenador da secretaria executiva da Rede Nossa São Paulo e presidente emérito do Instituto Ethos. É idealizador do Fórum Social Mundial. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

O significado da vitória na OMC (MARCOS TROYJO)



A ELEIÇÃO do diplomata Roberto Azevêdo à direção-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC) representa uma grande vitória do Brasil. A questão, no entanto, é como transformá-la numa vitória para o Brasil.

Globalmente, o discurso brasileiro tem soado mais alto do que suas conquistas econômicas. Sua ideia de reputação está entrelaçada com a tarefa de atualização da ONU. Tornar-se membro permanente do Conselho de Segurança. Fortalecer o comércio multilateral mediante a OMC. O Brasil parece saber o que quer para o mundo. Não necessariamente o que quer do mundo.

Do ponto de vista das relações internacionais, revela-se a falta de um projeto brasileiro sofisticado em termos de influência e prosperidade. No Brasil, cuja expansão econômica atrofiou-se há mais de dois anos, colhemos o resultado de preferências por políticas externas com bases ideológicas e ênfase em afinidades políticas. Pouca atenção ao pragmatismo econômico, ao estabelecimento de acordos de livre comércio e à promoção comercial bilateral. Fortalecer a cooperação Sul-Sul tem sido prioridade. As diversas geometrias promovidas pelo Brasil na América Latina, seja usando o Mercosul, a União de Nações Sul-Americanas ou a Comunidade de Estados Latinoamericanos e Caribenhos, rendem abundantes discursos sobre um mundo mais equânime, mas poucos resultados econômicos tangíveis.

Em vez de promover reformas microeconômicas internas e estabelecer robustas agências de negócios nas cidades globais da América do Norte, Europa ou Ásia, os estrategistas brasileiros julgaram de maior impacto para suas ambições multilaterais abrir postos diplomáticos em cidades como Baku, Belmopã, Basse-Terre, Castries, Conacri, Cotonou, Cartum,

Gaborone, Malabo, Nouakchott e Uagadugu. Isso angaria simpatia e votos na OMC e outros fóruns, mas pouco fluxo de comércio. Muitos acreditam que a baixa participação do Brasil no comércio mundial (pouco mais de 1% de tudo que se compra e vende no mundo) e do comércio exterior no Brasil (em torno de 20% do PIB) é fruto do protecionismo dos países mais ricos. Tal injustiça só poderia ser corrigida mediante negociações em tabuleiros como a OMC. E sem dúvida as negociações globais "governo a governo" são importantes.

Mas centrar a inserção comercial na busca de um "final feliz" para as negociações multilaterais nos faz perder foco. É como se um país desejasse tornar-se potência do futebol mundial colocando o cerne de sua estratégia em bons representantes na sede da Fifa. Não se pode afirmar que acordos multilaterais tenham sido responsáveis pela decolagem rumo ao crescimento de qualquer país nos últimos 30 anos. Coreia do Sul, China e Chile cresceram suas rendas nacionais sem negociações multilaterais como principal elemento de sua estratégia. Eles buscaram fortalecer suas capacidades internas de competir e abriram mercados para seus produtos. Ou seja, cuidaram primeiro de seu interesse nacional.

Mega-acordos comerciais como a Aliança Transatlântica (EUA e Europa) ou a Parceria Transpácífica (que envolve parceiros da Américas do Norte e do Sul, Ásia e Oceania) ou mesmo a metamorfose em curso na economia chinesa serão mais delineadores da "reglobalização" do que a OMC. No entanto, longe de irrelevante, ter um excelente profissional brasileiro à frente do mais representativo organismo do comércio internacional é motivo de celebração e orgulho. O risco é enxergarmos na vitória na OMC a legitimação da insular política comercial brasileira dos últimos anos.

O Brasil tem não apenas de contribuir para a definição da geografia do comércio no século 21, mas, sobretudo, tem de definir o lugar que deseja ocupar em tal mapa.

MARCOS TROYJO, 45, economista e cientista social, é professor do IbmeC (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais) e diretor do BRICLab na Universidade Columbia. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

Mudar de rumo e de ideia (ROBERTO MANGABEIRA UNGER)

UM BRASIL parado? O país cresce hoje menos do que todos os outros grandes países em desenvolvimento e menos até do que os Estados Unidos. Ao marasmo quantitativo se junta o retrocesso qualitativo: subiu a parte da produção e da exportação representada por produtos pouco tocados pelo engenho humano.

Pior do que a estagnação econômica é a situação do ensino. O Brasil ampliou o acesso à educação. Não conseguiu, porém, qualificar o ensino para capacitar os brasileiros. Prevalece enciclopédismo raso, mimético e estéril. A maior parte dos alunos que terminam a escola média mal consegue analisar textos ou manejar abstrações de qualquer espécie. Esses fatos revelam o esgotamento de modelo de desenvolvimento montado sobre a expansão do consumo e a exploração da natureza. Para superar tal quadro, as forças dominantes no país defendem variantes de um único caminho: a modernização conservadora.

Tornar o Estado mais enxuto e eficaz. Simplificar a tributação, ampliar sua base e atenuar seu ônus. Gastar menos em custeio para investir mais em infraestrutura. "Flexibilizar" o mercado de trabalho. Escolarizar cada vez mais gente com maior eficiência, tratando como mal menor a primazia de quantidade sobre qualidade. Orientar a política exterior a abrir mercados para nossos produtos agropecuários. Se se implementassem essas e outras partes da modernização conservadora, continuaríamos a ser o que somos hoje: país efervescente, que produz e exporta bens primários, convive com desigualdades entre as maiores já vistas na história da humanidade, deixa a maior parte de seu povo desfalcada de instrumentos e de oportunidades e pouco forma gente que consegue inovar nas práticas, nas instituições e nas ideias. País no qual a maioria não tem como transformar energia humana em ação fecunda.

O Brasil precisa de outro projeto - de produtivismo includente, de educação capacitadora e de democratização aprofundada. Essa alternativa contempla muitas das preocupações do projeto dominante. Altera-lhes, porém, o sentido. Sua tarefa é dar braços, asas e olhos à vitalidade brasileira. Em vez de buscar desenvolver o país apenas pelo lado de demanda, prioriza o lado da oferta, da inovação, das capacitações e das oportunidades. E entende a democracia como método para continuar mudando sem precisar das crises para facultar as mudanças. Sete conjuntos de iniciativas compõem o conteúdo dessa alternativa.

1. Preencher as condições práticas para romper, quando nos convém, com figurinos institucionais copiados. Para isso, precisamos forçar elevação da poupança, tanto privada quanto pública, e abrir canais que mobilizem a poupança de longo prazo para o investimento produtivo de longo prazo. A tributação, ainda que racionalizada, tem de permanecer alta para financiar a contribuição do Estado a nossa rebeldia. Poupança e receita garantem a margem de manobra para dar os primeiros passos em novo rumo.

2. Levar muitas das pequenas e médias empresas, nossos agentes econômicos mais importantes, à ponta da inovação, abrindo-lhes acesso ao crédito, à tecnologia e às práticas vanguardistas. É a melhor maneira para assegurar que o paradigma produtivo que começa a se difundir nas principais economias do mundo - flexível, despadronizado, experimentalista - se estabeleça entre nós de forma includente, não como enclave excludente. O equivalente agrícola a essa política industrial é dotar a agricultura familiar de atributos empresariais e avançar na industrialização descentralizada de nossos produtos agropecuários.

3. Resgatar do emprego informal - quer dizer, da ilegalidade constrangedora - metade da população economicamente ativa do país. Não basta desonerar e desburocratizar. É preciso também instrumentalizar o empreendedorismo emergente e espontâneo. Só ascenderemos no mundo se apostarmos na valorização do trabalho, na qualificação do trabalhador e do empreendedor e, portanto, na escalada de produtividade. Não temos futuro como uma China com menos gente.

4. Mudar a maneira de ensinar e de apreender. Substituir decoreba enciclopédica por ensino analítico e capacitador, com foco no que mais importa: análise verbal e análise numérica. Só ocorrerá se houver repactuação do federalismo brasileiro para reconciliar a gestão local das escolas com padrões nacionais de investimento e de qualidade.

5. Reconstruir o sistema de saúde, que hoje subsidia, direta e indiretamente, sobretudo por meio do favor fiscal, os 20% de brasileiros com acesso aos planos privados, à custa dos 80% que dependem do SUS. Enquanto aqueles puderem lavar as mãos da sorte destes, jamais se equacionará o financiamento do sistema público. E a maioria continuará a penar nas filas e no descaso.

6. Construir política exterior que sirva a nosso projeto de país. Unir a América do Sul em torno de agenda compartilhada, de produtivismo incluyente, expressa em iniciativas comuns e tangíveis. Trabalhar por ordem econômica mundial que abra espaço para nossa alternativa. (Hoje, por exemplo, o regime nascente de comércio internacional tenta engessar as inovações institucionais que nos convém. Por exemplo, proíbe, sob o rótulo de subsídios, as formas de coordenação estratégica entre governos e empresas que os países hoje ricos usaram para enriquecer.) Fazer causa comum com os Estados Unidos para nos resguardar contra o país que cada vez mais confronta nossos interesses: a China. Ela aprecia nossas terras e suas riquezas, mas não nos quer inovadores e capazes. O desafio está em reconciliar essa terceira prioridade, que nos aproxima dos americanos, com as duas primeiras, que nos afastam deles.

7. Tratar com seriedade a defesa da nação. A modernização conservadora pretende apenas aplacar as Forças Armadas. Por que gastar dinheiro em defesa quando não há caminho nacional insurgente a defender? Se quisermos, porém, divergir, precisamos poder dizer não. Para isto, temos de desenvolver as Forças Armadas sobre a base das capacitações efetivas, da autonomia tecnológica e da participação nacional. Nossa alternativa precisa de escudo.

Há base social para essa alternativa: aliança de interesses produtivos que reúna desde os grandes, médios e pequenos produtores até as multidões desejosas de seguir a trajetória da nova classe média. O que falta é providenciar a travessia política. O país arrisca assistir a campanha em que todos os candidatos à Presidência serão adeptos do projeto dominante. Os pré-candidatos de oposição, direta ou velada, estão comprometidos com a modernização conservadora. Claramente o demonstram, por palavras e por omissões, e pela natureza de seus interlocutores, conselheiros e apoios. E a presidenta? Seu governo não rompeu - quer na prática, quer no discurso - com o ideário hegemônico. Entretanto, por todas as razões, a começar por sua identidade política, pela dialética da aliança que sustenta seu governo e pelo efeito polarizador da campanha que se prenuncia, é de longe sua a candidatura mais apta para servir à causa da alternativa.

Cabe a nós, cidadãos, nos organizarmos para insistir que o governo da presidenta reeleita lidere a troca de rumo. E para evitar que a campanha presidencial degenera em concurso para determinar quem, entre os candidatos, possa ser mais eficiente na modernização conservadora: agenda que não aproveita o potencial Brasil. Ação pública em favor da alternativa é o imperativo da hora. A maldição das gerações futuras, a que teremos entregue país apequenado, recairá sobre nós se aguardarmos para ver o que nos vão aprontar. Tratemos de propor e de construir, nós mesmos, cidadãos, outro futuro brasileiro.

ROBERTO MANGABEIRA UNGER, 66, professor na Universidade Harvard (EUA), é autor do manifesto de fundação do PMDB e ativista em Rondônia. Foi ministro de Assuntos Estratégicos (governo Lula). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

Gentileza gera saúde (CRISTIANE SEGATTO)

Como uma dieta diária de emoções positivas altera o funcionamento do corpo

O TRABALHO criativo é fascinante. O sujeito está lá, pressionado pelo prazo, pelo cliente, pelo chefe, torturado pela obrigação de traduzir uma ideia em três palavras. Precisa ser uma mensagem sintética e eficaz. Dessas que grudam nos miolos e produzem o movimento desejado: um impulso de consumo, uma sensação, uma mudança de comportamento. O coitado tenta um, dois, três, trinta caminhos e fracassa.

Se tiver sorte, é liberado para pegar umas horinhas de sono. Dorme, acorda, se enfia no chuveiro e, enquanto esfrega o shampoo no couro cabeludo ensebado, pumba! Lá vem ela. Límpida, exata, a mais perfeita tradução do que pretendia comunicar. Fico elucubrando a respeito dessas etapas sempre que um slogan me conquista. Leio, admiro, sinto e me pergunto qual será o cérebro por trás da ideia. Quem inventou? Como inventou? Com que facilidade ou sofrimento inventou? Foi no chuveiro? Na academia? No momento em que a pasta de amendoim escorregou sobre o pão?

Tendo a achar que as boas ideias nunca surgem no ambiente de trabalho. Comigo é assim. Minhas ideias são rebeldes. Só aparecem quando tenho alguma ilusão de liberdade. Aí agarro um guardanapo, uma caderneta soterrada na bolsa, um lenço de papel, um recibo de cartão de débito para anotar as palavras certas enquanto é tempo. Sempre achei que algo semelhante tivesse acontecido com o felizardo criador da frase "gentileza gera gentileza". É uma mensagem perfeita, na forma e no impacto. Ela induz um sentimento de boa vontade em relação aos desconhecidos. Alguém que escolheu usar uma camiseta com essas palavras ou colou no carro esse adesivo deve ser, pelo menos em tese, uma pessoa respeitosa, interessante.

Só recentemente descobri que essa frase não foi criada por um redator profissional. É obra de uma personalidade urbana carioca, conhecida como profeta Gentileza, morto em 1996. Ele andava de túnica branca e barba longa e, nos anos 80, criou 56 painéis sob um viaduto da Avenida Brasil. Um deles trazia a frase genial. Estou convencida de que gentileza gera gentileza, mas há quem sustente que gentileza gera saúde. Uma delas é a psicóloga Barbara Fredrickson, professora da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Ela é uma das tantas pesquisadoras que buscam explicar como o bem-estar emocional produz saúde física.

Pessoas que vivem relações afetuosas e são capazes de encarar a maioria dos desafios com otimismo tendem a viver mais e com mais qualidade. Diferentes estudos sugerem que emoções positivas fortalecem o sistema imune. Por consequência, diminui o risco de contrair resfriados e conviver com processos de inflamação crônica. Outros trabalhos

indicaram menor propensão a doenças cardiovasculares, dores de cabeça, fraqueza etc. Em seu novo trabalho, publicado na revista *Psychological Science*, Barbara investiga como as emoções afetam o nervo vago. Ele é responsável pela inervação de diversos órgãos, como o coração, o estômago, o pulmão, o intestino delgado, entre outros. Por meio dele, o cérebro é informado sobre o estado das vísceras.

Quando um susto, um stress agudo acelera os batimentos cardíacos e coloca o organismo inteiro em alerta, o nervo vago e seus auxiliares trabalham para restabelecer a normalidade. Eles reduzem a pressão arterial e normalizam os batimentos cardíacos. Nesses tempos de stress crônico, é fundamental encontrar formas de manter o nervo vago funcionando adequadamente. Do contrário, o corpo inteiro sofre. Sessenta e cinco voluntários se inscreveram no novo estudo de Barbara. Metade do grupo participou de aulas de meditação compassiva, uma técnica destinada a desenvolver sentimentos como bondade e compaixão.

Durante as sessões, eles foram instruídos a focar a mente em suas próprias preocupações. Aos poucos, deveriam incluir as aflições das pessoas com que se relacionavam. Em silêncio, deveriam repetir frases como: "Você pode se sentir seguro"; "Você pode se sentir feliz"; "Você pode se sentir saudável". Sempre que a mente vagasse por outros lugares, os praticantes deveriam trazê-la de volta a essas frases. Fora das aulas, em momentos estressantes ou chatos como ficar preso num congestionamento, eles deveriam se esforçar para fixar a mente nesses pensamentos. "É algo como suavizar o próprio coração para estar mais aberto aos outros", disse Barbara à revista *Time*.

Cascata das bravas? Conversinha de autoajuda? Pelo sim, pelo não, vale a pena acompanhar os resultados do trabalho. Antes do início do estudo e ao final dele, a variação da frequência cardíaca dos voluntários foi analisada. Essa é uma medida da resposta do nervo vago. Quanto mais tonificado é o nervo, maior é a variação da frequência cardíaca. E mais baixo é o risco de doenças cardiovasculares. O nervo também participa do controle dos níveis de glicose e da resposta do sistema imune. Além de tudo isso, o vago tem papel importantíssimo na forma como nos relacionamos. Está ligado aos nervos que sintonizam nossos ouvidos com a fala humana, coordena o contato visual e regula a expressão das emoções. Também influencia a liberação de oxitocina, um hormônio importante para a formação de vínculo entre as pessoas.

Todos os participantes (os que meditaram e os que não participaram das aulas) registraram as emoções positivas e negativas vividas no cotidiano durante 61 dias. Resultado: quem meditou registrou um aumento de emoções positivas, como alegria, interesse, serenidade e conexão com outras pessoas. Essas sensações foram acompanhadas de uma melhoria na função do nervo vago. É um sinal de que uma dieta diária de emoções positivas favorece a saúde. E o mais interessante: esses benefícios podem ser mensuráveis. Só meditar, no entanto, não adianta. A alteração na função do nervo só ocorreu naqueles em que a prática realmente ajudou a melhorar as emoções. Não houve mudança no padrão fisiológico entre os que meditaram, mas emocionalmente continuaram na mesma. É um bom começo. Resta saber se os benefícios fisiológicos da prática e da mudança de olhar sobre os fatos são sustentáveis no longo prazo. Novos estudos estão em andamento.

Enquanto eles não ficam prontos, que tal colocar um pouquinho de gentileza no seu dia? Responder ao bom dia que alguém lhe deseja. Segurar a porta do elevador e oferecer passagem. Não avançar sobre a travessa de comida assim que o garçom a coloca sobre a mesa se decidiu dividir o prato com uma colega de trabalho – principalmente se você é homem e ela tiver idade quase suficiente para ser sua mãe.

Recentemente, recebi todas essas demonstrações de falta de gentileza. Nenhum dos autores as interpretou como gafe ou deslize. Se essas são as novas regras de convivência, prefiro viver à moda antiga. Gentileza gera gentileza. Gentileza gera saúde.

CRISTIANE SEGATTO Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Maio de 2013.**

Ser mãe na adversidade (ANA ESTELA HADDAD)

O CULTO à Deusa Mãe foi observado inicialmente na pré-história, por vezes associada à Mãe Terra, representada como uma deusa geradora da vida. Nos primórdios da história, a maternidade era considerada manifestação divina. O poder de gerar novas vidas dava à mulher um caráter sagrado.

Ser mãe, preparar outro ser humano para a vida... que tarefa desafiadora! O amor entre pais e filhos é fortemente marcado pela noção de educação, e a formação das crianças torna-se um fator importante para a garantia de uma sociedade saudável (Zornig, 2010). A família contemporânea tem se modificado, mas mantém-se como primeiro referencial de espaço de troca afetiva. As oportunidades para a garantia e qualificação da vida dependem de um ambiente facilitador ao seu desenvolvimento, à produção de vínculos e ao cuidado.

"Pode-se dizer das crianças que não lhes interessa a perfeição mecânica. Precisam de seres humanos à sua volta, que tenham êxitos e fracassos, pais suficientemente bons" (Lev Vygotsky). Neste fim de semana, no Vale do Anhangabaú, a prefeitura abriu o diálogo: Ser Mãe em São Paulo. O objetivo foi debater os desafios da função materna numa metrópole como a nossa. Queremos manter o diálogo sobre a maternidade em diversos modelos de organização familiar, em suas diversas etapas: antes da gestação (planejamento), durante a gestação (cuidados, informação, prevenção), na infância, na adolescência, na saída dos filhos de casa, na condição de avós.

A maternidade em situações vulneráveis: as mães cuidadoras, as mães com deficiência, as mães em situação de rua, as mães dependentes químicas. E nas diversas culturas que vivem em São Paulo, como as dos novos imigrantes que vivem no centro. Entre nossas convidadas estava uma garota que voltou a estudar depois de crescer nas ruas com a sua mãe e que aos 18 já tinha dois filhos que dela dependem.

Lembrei-me da menina de 12 anos, grávida por ter sido abusada pelo pai após a morte da mãe, que conversando com a assistente social verbalizou querer, apesar de tudo, dar à luz seu "filho irmão". Talvez na tentativa desesperada de poder não se sentir só e abandonada no mundo e resgatar a infância que lhe fora roubada. Recebi recentemente pela internet a imagem de uma menina de cinco anos que perdeu a mãe na guerra. No pátio do orfanato, desenhou-a com giz e aconchegou-se num colo que não existe mais, deixando fora as sandálias, para respeitá-la como manda a cultura oriental ao se entrar num lugar sagrado. O que temos a dizer para as crianças às quais foi negado o direito ao vínculo afetivo primeiro, aquele que nos ampara e protege antes e sempre, que nos permite crescer e enfrentar o mundo em segurança?

Por que discutimos a redução da maioridade penal antes de apontar para aqueles que, tendo atingido a maioridade, são capazes de violar bárbara e impunemente os direitos humanos de crianças e adolescentes que não têm como se defender, criando profundas e irreversíveis iniquidades na origem? Na preparação do Ser Mãe em São Paulo estava um grupo de paulistanos convictos de que podemos construir, juntos, uma cidade mais humana, capaz de acolher e abraçar e de ser, um dia, um porto seguro para todas as suas mães e filhos.

ANA ESTELA HADDAD, 46, livre docente da Faculdade de Odontologia da USP, é primeira dama do município de São Paulo. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**

O proletariado do setor de serviços (LUCAS VASQUES)

A professora Marcia de Paula Leite analisa as influências do avanço tecnológico nas relações trabalhistas e, sobretudo, como a organização do trabalho define os efeitos diretos desse desenvolvimento

O avanço das tecnologias influencia, cada vez mais, as relações do trabalho. Sem dúvida, esse desenvolvimento traz benefícios a uma parcela da população mundial ativa. No entanto, é possível observar que cerca de um milhão de trabalhadores, somente no Brasil, atua cercado de novas tecnologias, mas ainda enfrenta condições de trabalho semelhantes às do início do século passado.

O chamado trabalhador virtual pode ser considerado, hoje, como o verdadeiro símbolo do cybertariado, o proletariado cibernético, que inclui, ainda, quem desenvolve suas atividades profissionais em casa, usando computador. As restrições, isolamentos e pressões que essas pessoas enfrentam já causaram, até mesmo, ondas de suicídios em empresas. O *home office*, como é conhecido, aparentemente surge como uma saída perfeita para o trabalhador. No entanto, fica evidente que favorece, sobremaneira, o capital, pois o profissional atua em casa, onde o público e o privado se misturam e a jornada se estende. Todos esses fatores contribuem para precarizar ainda mais o trabalho, sob a permissão da tecnologia.

A professora Marcia de Paula Leite é uma estudiosa desse e outros temas. Suas reflexões vão, sempre, na direção do uso das tecnologias e da nova imposição de condições de trabalho, além do papel dos sindicatos dentro desse cenário moderno que se consolida. "As implicações da tecnologia sobre os trabalhadores dependem muito da maneira como o trabalho é organizado, sob que regime de trabalho ele exerce e do conteúdo do trabalho realizado", avalia. Marcia possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestrado em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Fez pós-doc no Institute of



Development Studies (IDS/ University of Sussex) e no Institute of Latin American and Iberian Institute (ILAIS/Columbia University).

Atualmente, é professora plena dos programas de pós-graduação em Educação e em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Faz parte do Conselho Editorial das seguintes publicações: *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, *Enterprise and Work Innovation Studies*, *Sociología del Trabajo*, *Revista Trabajo e Organizaciones e Trabajo*. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Trabalho, atuando, principalmente, nos temas mercados de trabalho, reestruturação produtiva, relações sociais de gênero. Preside a Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho (ALAST).

Mesmo no trabalho dos programadores e produtores de *softwares*, devemos considerar as artimanhas dos empregadores, que, em geral, fogem das relações de trabalho formalizadas como maneira de se livrar dos encargos trabalhistas



MUITOS ALEGAM QUE O TRABALHADOR QUE EXERCE UMA ATIVIDADE LIGADA, DIRETAMENTE, À TECNOLOGIA, O CHAMADO TRABALHO VIRTUAL, É EXTREMAMENTE BENEFICIADO POR ESSES AVANÇOS. COMO VOCÊ AVALIA ESSA QUESTÃO E COMO VÊ A FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO Nesses SETORES? HOUVE TRANSFORMAÇÕES PROFUNDAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO COM O ADVENTO, CADA VEZ MAIS INTENSO, DA TECNOLOGIA?

Antes de mais nada, eu gostaria de alertar que a tecnologia pode ser entendida como algo interessante, como um progresso no sentido de que nos permite produzir, de forma muito mais ágil e perfeita, mas que não, obrigatoriamente, significa uma melhoria nas condições de trabalho para quem exerce uma atividade diretamente ligada a ela. E isso porque as implicações da tecnologia sobre os trabalhadores dependem muito da maneira como o trabalho é organizado, sob que regime de trabalho é exercido e do conteúdo do trabalho realizado.

Se analisarmos, por exemplo, o trabalho do programador e produtor de software, do(a) operador(a) de call center e das montadoras de aparelhos eletroeletrônicos, veremos que o conteúdo de cada um deles é muito distinto, o regime de trabalho também difere, assim como a organização da função. O trabalho das(os) operadoras(es) da indústria eletroeletrônica, por exemplo, está longe de ser uma atividade enriquecedora, um trabalho que se beneficia do avanço tecnológico. Pelo contrário, é uma atividade manual, repetitiva, destituída de conteúdo, exercida sob estrita vigilância da chefia, com imposições de metas produtivas, além de ser mal remunerado. Ele não carrega nenhum benefício do avanço tecnológico, que, ao contrário, é usado apenas para incrementar o controle sobre os ritmos. A mesma coisa acontece no trabalho desenvolvido pelos(as) operadores(as) de *call centers*. Essas pessoas devem responder ou fazer chamadas telefônicas, com *scripts* predeterminados, em tempos impostos, sem nenhuma possibilidade de usar a criatividade ou a tecnologia no sentido de melhorar a qualidade de seu trabalho. Tudo é mecanizado, contabilizado e definido a priori, de acordo com o determinado pela chefia. Já o trabalho dos programadores e produtores de *softwares* consiste em atividades muito mais qualificadas, nas quais os(as) trabalhadores(as) têm mais autonomia e liberdade no trato com a tecnologia. Nesses casos, você pode encontrar algum tipo de benefício. Mas, mesmo aí, devemos considerar as artimanhas dos empregadores, que, em geral, fogem das relações de trabalho formalizadas como maneira de se livrar dos encargos trabalhistas.

Especialmente no caso dos trabalhadores dos *call centers*, acho que estamos frente a um proletariado do setor de serviços, com muitas características semelhantes às que o proletariado fabril apresentou em momentos anteriores do capitalismo

VOCÊ ACREDITA QUE, HOJE, HÁ UM NOVO CONTINGENTE DE TRABALHADORES QUE FAZ PARTE DO QUE PODEMOS CHAMAR DE PROLETARIADO DE SERVIÇOS, QUE COMPREENDE OS TRABALHADORES DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO? SERIA O CYBERTARIADO, COMO DENOMINA A SOCIÓLOGA INGLESA URSULA HUWS?

Eu concordo com o conceito de cybertariado utilizado por Ursula Huws. Especialmente no caso dos(as) trabalhadores(as) dos call centers, acho que estamos realmente frente a um proletariado do setor de serviços, com muitas características semelhantes às que o proletariado fabril apresentou em momentos anteriores do capitalismo, embora não possamos esquecer que também existiam diferenças muito significativas.

ESSE NOVO QUADRO TEM RELAÇÃO COM A PRIVATIZAÇÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES, O QUE AUMENTOU, SIGNIFICATIVAMENTE, O PROCESSO DE TERCEIRIZAÇÃO DO TRABALHO?

Eu diria que essas características do trabalho nos *call centers* têm menos a ver com a privatização do que com o novo momento do capitalismo. A terceirização é uma tendência muito forte do novo momento da acumulação capitalista. Ela tem a ver com as novas tecnologias, mas, também, e, especialmente, com o aumento da competição entre as empresas e, nesse sentido, com a crise de acumulação que estamos enfrentando, que é uma coisa mais estrutural. Tanto é assim que as empresas estatais também terceirizam. A Petrobras terceiriza, e muito; o Banco do Brasil também terceiriza; a Caixa Econômica Federal também.

VOCÊ CLASSIFICARIA O TRABALHO VIRTUAL COMO UMA ILUSÃO, NO QUE SE REFERE A CONDIÇÕES SATISFATÓRIAS DE TRABALHO?

É, acho que sim. A ilusão é pensarmos que a tecnologia tem o poder de nos libertar do jugo do trabalho imposto. A tecnologia pode tanto nos libertar quanto nos aprisionar ainda mais. Tudo depende das relações sociais que presidem o seu uso.

PORTANTO, É CORRETO AFIRMAR QUE A TECNOLOGIA NÃO ALIVIOU A DETERIORAÇÃO DO TRABALHO, APENAS A TRANSFORMOU?

Eu acabo de participar de um estudo sobre as implicações da introdução de novas tecnologias no trabalho das mulheres, em uma empresa eletroeletrônica no Brasil, em três *call centers* no Panamá e entre pequenas empresas no Peru. Os resultados da investigação, ainda que seja uma pesquisa exploratória, são eloquentes: enquanto a realidade vivida pelas mulheres da empresa eletroeletrônica brasileira e dos *call centers* panamenhos revela um trabalho extremamente precarizado, que não se beneficia do avanço tecnológico, que ao contrário é utilizado como forma de aperfeiçoar o controle sobre os(as) trabalhadores(as), a situação para as empresárias do Peru é bastante distinta. Como nesse caso a decisão de utilizar as novas tecnologias e, sobretudo, de como utilizá-las é das próprias mulheres, elas vêm conseguindo fazer um uso bastante proveitoso destas. Aí, o que explica a diferença das implicações da tecnologia sobre o trabalho nos três casos são as formas como ela é utilizada, ou as relações de trabalho que presidem o seu uso.



EXISTE UMA FORMA DE PRESSÃO PARA MINIMIZAR ESSE PROBLEMA?

Quando o trabalho está subordinado aos interesses do capital detido pelo empregador, sua utilização tende a favorecer o capital, a menos que os trabalhadores detenham alguma forma de pressionar para que o capital negocie com eles a maneira como a tecnologia será empregada. Mas isso é muito raro, tanto em termos internacionais como nacionais. Nesse sentido, concordo com a afirmação de que o uso da tecnologia não melhorou as condições do trabalho. O que pode melhorar as condições de trabalho não é a tecnologia em si, mas a capacidade dos trabalhadores para pressionar as empresas a utilizarem-na de forma mais vantajosa a suas condições de trabalho. Mas isso não é uma coisa fácil, é uma luta permanente que está em vigor desde a Revolução Industrial do final do século XVIII. E nós vivemos, atualmente, um momento muito desvantajoso para o trabalho em termos mundiais: um momento de crise do capitalismo, de altas taxas de desemprego, de enfraquecimentos dos sindicatos.

A terceirização tem a ver com as novas tecnologias, mas, também, e, especialmente, com o aumento da competição entre as empresas e, nesse sentido, com a crise de acumulação que estamos enfrentando, que é uma coisa mais estrutural

O AVANÇO DAS TECNOLOGIAS E A FORMA COMO AS EMPRESAS UTILIZAM ESSA FERRAMENTA NA DINÂMICA DO DIA A DIA DE SEUS FUNCIONÁRIOS PINTAM UM QUADRO NO QUAL PODEMOS DIZER QUE HOUE UMA RECONFIGURAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO E NAS RELAÇÕES COM OS DIREITOS TRABALHISTAS?

De novo, eu acho que o uso das novas tecnologias tem um efeito menor sobre a formalização do trabalho e o respeito aos direitos trabalhistas. Embora elas facilitem o trabalho virtual e, com isso, relações de trabalho mais fluidas, não há nada que determine que elas tenham que ser utilizadas de forma a facilitar o não cumprimento dos direitos trabalhistas. Isso depende muito mais da correlação de forças entre o capital e o trabalho. E como essa correlação, em termos mundiais, tem sido nos últimos tempos desvantajosa para este último, podemos falar numa reconfiguração das características do trabalho, com uma forte tendência a sua precarização. Mas é preciso observar que há muitas diferenças entre os países. No Brasil, por exemplo, estamos vivendo um processo de estruturação do mercado de trabalho, em vez de precarização generalizada. Ainda que

haja casos de precarização, em termos gerais os dados sobre o mercado de trabalho apontam para uma melhoria evidente em termos de emprego, taxa de atividade, recuperação do valor dos salários, taxa de formalização etc.

Nós vivemos, atualmente, um momento muito desvantajoso para o trabalho em termos mundiais: um momento de crise do capitalismo, de altas taxas de desemprego, de enfraquecimentos dos sindicatos, que sofreram um forte golpe em sua organização

HÁ ALGUMA EVIDÊNCIA OU ESTATÍSTICA DO AUMENTO DAS DOENÇAS DO TRABALHO EM FUNÇÃO DAS MÁS CONDIÇÕES COLOCADAS EM PRÁTICA POR EMPRESAS QUE ATUAM NO SEGMENTO DE TRABALHO VIRTUAL?

Acho que ainda é difícil fazer uma avaliação mais geral dos impactos das novas tecnologias sobre a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras. Contudo, parece ser uma realidade que os aumentos dos ritmos estão sendo observados em muitos setores de atividade e que as enfermidades ocupacionais, provocadas pelo uso das novas tecnologias, vêm aumentando.

MAIS DO QUE UMA TENDÊNCIA, O CHAMADO *HOME OFFICE* É UMA REALIDADE, POIS BASTA O INDIVÍDUO POSSUIR UM COMPUTADOR. À PRIMEIRA VISTA, A AVALIAÇÃO QUE SE FAZ É NA DIREÇÃO DE QUE TRABALHAR EM CASA É UM SONHO, POIS NÃO SE PERDE TEMPO NO TRÂNSITO, É POSSÍVEL USAR ROUPAS CONFORTÁVEIS, A PESSOA PODE DEFINIR SEU PRÓPRIO HORÁRIO ETC. NO ENTANTO, O QUE SE VÊ, NA PRÁTICA, NÃO É BEM ISSO. NA MAIORIA DOS CASOS, O TRABALHADOR PERDE A NOÇÃO DO TEMPO DE JORNADA (FICA À DISPOSIÇÃO POR MAIS DO QUE OITO HORAS), EM BOA PARTE DOS CASOS NÃO HÁ VÍNCULO EMPREGATÍCIO, HÁ PROBLEMAS NO CASO DE UM ACIDENTE DE TRABALHO, ALÉM DE UMA DIFICULDADE EM SEPARAR AS DEMANDAS PROFISSIONAIS DAS DOMÉSTICAS. COMO VOCÊ OBSERVA ESSA QUESTÃO?

Mais uma vez, o local de trabalho importa menos do que as relações de trabalho que presidem o uso das tecnologias. Se o indivíduo trabalha em casa por decisão própria, com liberdade para estabelecer o seu ritmo de trabalho, o home office pode ser muito interessante. No entanto, se ele trabalha pressionado por metas de produtividade inalcançáveis e prazos improrrogáveis, pode virar um inferno.

O TRABALHO VIRTUAL É O PRINCIPAL FATOR QUE COLABORA COM A EROSIÃO DO TRABALHO CONTRATADO E REGULAMENTADO, QUE PREVALECEU NO SÉCULO XX?

Não acho que o trabalho virtual seja o principal fator a colaborar com a erosão do trabalho regulamentado. Acho que ele até favorece essa erosão, mas o fator principal, a meu ver, encontra-se nas novas formas de organização empresarial, bem como na atual correlação de forças entre o capital e o trabalho, na qual este último se encontra muito enfraquecido e com poucas condições de enfrentar o contínuo esforço do primeiro em eliminar conquistas anteriores do trabalho, como os direitos trabalhistas.

O SISTEMA *HOME OFFICE* PROVOCA UM ISOLAMENTO DO TRABALHADOR, PORQUE ELE FICA IMPEDIDO DE TER ALGUÉM PARA SE SOCIALIZAR? E ESSE ISOLAMENTO TAMBÉM IMPEDE A ARTICULAÇÃO DA CATEGORIA NO SENTIDO DE SE CONQUISTAREM MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO?

Acho que o home office provoca, mesmo, uma dificuldade de socialização e esse isolamento dificulta a organização dos trabalhadores para lutar por melhores condições de trabalho.

A ilusão é pensarmos que a tecnologia tem o poder de nos libertar do jugo do trabalho imposto. A tecnologia pode tanto nos libertar quanto nos aprisionar ainda mais. Tudo depende das relações sociais que presidem o seu uso

VOCÊ ESCREVEU O LIVRO NOVAS CONFIGURAÇÕES DO TRABALHO E ECONOMIA SOLIDÁRIA. A PARTIR DESSA EXPERIÊNCIA, EM QUE MEDIDA ACHA QUE A ECONOMIA SOLIDÁRIA PODE COLABORAR NA MELHORIA DAS RELAÇÕES DO TRABALHO, NESSES CASOS?

Pela minha experiência de pesquisa sobre empreendimentos solidários, eu diria que a realidade desses experimentos é ainda muito precária, no que concerne à utilização das novas tecnologias. Salvo algumas poucas exceções, encontradas especialmente entre as fábricas recuperadas, as cooperativas e associações da economia solidária possuem um acesso



muito restrito às novas tecnologias, e não vejo muitas condições de que essa situação seja mudada, de forma significativa, a curto ou médio prazos. Já no que diz respeito às relações de trabalho, elas são bastante diferentes em comparação às que vigoram nas empresas comuns e, por serem relações mais democráticas, que contam com maior participação dos trabalhadores nas decisões, elas podem dar asas a formas de utilização das novas tecnologias mais vantajosas para os trabalhadores e trabalhadoras. Infelizmente, não é isso que temos observado. Nas fábricas recuperadas, onde aparecem com maior frequência, elas tendem a ser utilizadas, geralmente, da mesma forma que eram usadas antes do processo de recuperação. Nos outros empreendimentos, sua utilização é muito pouco presente.

Claro que passamos por uma situação em que a resistência se faz necessária para aplacar os desejos, sempre insaciáveis, de aumento do lucro, por parte do capital, e que se tornam ainda mais arrebatadores frente à atual crise que estamos vivendo

DE QUE MANEIRA A EXPANSÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA SE RELACIONA COM O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO E DE REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E, TAMBÉM, COM O AUMENTO DO DESEMPREGO E DO TRABALHO PRECÁRIO, MUITO PRESENTES NAS ATIVIDADES VIRTUAIS?

Eu não vejo muita relação entre a economia solidária e o trabalho virtual. A economia solidária se difundiu no Brasil, especialmente a partir dos anos 2000, quando a situação do mercado de trabalho estava muito ruim, com altas taxas de desemprego e de atividade informal. E isso não se devia tanto à difusão do trabalho virtual, nem ao processo de globalização ou de reestruturação produtiva, mas, especialmente, à orientação neoliberal do governo federal naquele momento. Tanto é assim que o processo de globalização e de reestruturação produtiva, bem como de difusão do trabalho virtual, continua em curso e o mercado de trabalho melhorou muito nos últimos anos, devido não só a uma situação internacional mais favorável à nossa economia como também a novas políticas de mercado de trabalho por parte do governo federal, como a recuperação do salário mínimo, o aumento da fiscalização sobre o trabalho informal etc.

COMO VOCÊ OBSERVA A ATUAL ATIVIDADE DOS SINDICATOS, EM RELAÇÃO À GARANTIA DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES? ESSAS ENTIDADES, HOJE, AINDA TÊM O MESMO PODER DE ANTIGAMENTE? O NÚMERO DE PROFISSIONAIS SINDICALIZADOS ASSUMIU UMA TENDÊNCIA DE QUEDA DE ALGUNS ANOS PARA CÁ. QUAIS OS MOTIVOS PRINCIPAIS?



Como já coloquei anteriormente, os sindicatos vêm vivendo uma situação difícil no momento atual. A crise da sociedade salarial, as novas formas de organização empresarial, os processos de terceirização, com a conseqüente precarização do trabalho, e a difusão do uso das novas tecnologias, tudo isso junto promoveu um forte golpe na organização sindical. Entretanto, o sindicato, enquanto instituição, já viveu outros momentos de crise em sua história, como na passagem do século XIX para o século XX, e eles conseguiram se transformar, se adequando à nova realidade (por exemplo, quando se transformaram de sindicatos de ofício em sindicatos de massa). Se eles conseguirem se transformar novamente, no momento atual, só a história poderá nos dizer.

COMO VOCÊ PROJETA A SITUAÇÃO PARA O FUTURO? HÁ A NECESSIDADE DE UMA RESISTÊNCIA COLETIVA, POR PARTE DOS TRABALHADORES, NO SENTIDO DE MELHORAR AS CONDIÇÕES DE TRABALHO?

O futuro, como sempre, é uma incógnita. Claro que passamos por uma situação em que a resistência se faz necessária para aplacar os desejos, sempre insaciáveis, de aumento do lucro, por parte do capital, e que se tornam ainda mais arrebatadores frente à atual

crise que estamos vivendo. A contradição é que, exatamente agora, quando a resistência se faz mais necessária, é que o trabalho se encontra mais golpeado e com menos condição de resistir. Mas não podemos nos esquecer que isso já aconteceu em outros momentos da história e os trabalhadores nos surpreenderam com manifestações inesperadas. Por outro lado, vivemos, atualmente, uma outra contradição, que está se impondo com cada vez maior contundência, que é entre a lógica da acumulação ilimitada e a fonte esgotável de recursos do planeta. Essa é uma contradição que terá de ser resolvida, a médio prazo, e que poderá ter, também, consequências sobre as relações entre capital e trabalho. Não há como resolvê-la sem discutir algum tipo de regulamentação dos lucros e, nessa discussão, o trabalho poderá encontrar algum espaço para colocar seus interesses.

LUCAS VASQUES é jornalista e colabora nesta publicação. **Revista SOCIOLOGIA, Maio de 2013.**

Ditadura da maioria (FERREIRA GULLAR)

NÃO FAZ muito tempo, ouvi um deputado afirmar que o que define um governo democrático é a eleição. Se foi eleito, é democrático. Todos sabemos que não é bem assim, pois, conforme a força que tenha sobre as instituições, pode um governo impor sua vontade e anular o direito dos adversários. A eleição é, sem dúvida, uma condição necessária para que se constitua um governo democrático, mas não é suficiente.

Se abordo esta questão aqui é porque vejo naquela simplificação uma ameaça à democracia, fenômeno crescente em vários países da América Latina e até mesmo no Brasil. Na verdade, essa é uma das manifestações antidemocráticas do neopopulismo, hoje hegemônico em alguns países latino-americanos. Já defini esse novo populismo como o caminho que tomou certa esquerda radical, ao constatar a inviabilidade de seus propósitos ditos revolucionários. Não se trata mais de opor a classe operária à burguesia, mas de opor os pobres aos ricos. O populismo age correta e legitimamente quando busca melhorar as condições de vida dos setores mais carentes da sociedade, o que lhe permite conquistar uma ampla base eleitoral. Mas se torna uma ameaça à democracia quando usa esse poder político para calar a voz dos opositores e, desse modo, eternizar-se no poder.

Exemplo disso foi o governo de Hugo Chávez na Venezuela. O domínio dos diferentes poderes do Estado permitiu ao chavismo manter-se no governo mesmo após a morte de seu líder, violando abertamente todas as normas constitucionais. Essa tese de que basta ter sido eleito para ser um governo democrático é conveniente ao populismo porque, contando com o apoio da maioria da população, usa-o como um aval para fazer o que quiser. Está implícita nessa atitude uma espécie de sofisma, segundo o qual, se o povo é dono do poder, quem contraria sua vontade é que atenta contra a democracia. E quem sabe o que o povo quer é o caudilho.

Sucedem que o governante eleito, como todos os demais cidadãos, está sujeito às leis, que estabelecem limites à ação de qualquer um, inclusive dos governantes. Não por acaso, todos eles, ao tomarem posse depois de eleitos, juram obedecer e seguir as normas constitucionais. No Brasil agora mesmo, o populismo petista demonstra inconformismo com essas normas que o impedem de fazer o que queira. A condenação dos corruptos do mensalão pelo Supremo Tribunal Federal levou-os a tentar desqualificar aquela corte de Justiça, acusando-a de ter realizado um julgamento político e não jurídico.

Como tais alegações não têm fundamento nem dificilmente mudariam a decisão tomada, resolveram alterar a Constituição para de algum modo anular a autonomia do STF. Por iniciativa de um deputado petista, foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara uma emenda constitucional que resultaria em submeter decisões do Supremo Tribunal à aprovação do Congresso, numa flagrante violação da autonomia dos poderes da República, base do regime democrático. Essa iniciativa provocou revolta nos mais diversos setores da opinião pública e até mesmo a Presidência da República, por meio do vice-presidente Michel Temer, procurou desautorizá-la. Não obstante, os presidentes da Câmara e do Senado manifestaram seu descontentamento a supostas intervenções do STF nas decisões do Congresso. Com o mesmo propósito, tenta-se excluir do Ministério Público a atribuição de investigar e processar os responsáveis por crimes na área pública. É que o populismo não tolera nada que lhe imponha limites e o critique. Por isso mesmo, um de seus inimigos naturais é a imprensa livre, de que a opinião divergente dispõe para se fazer ouvir.

Na Argentina, o populismo de Cristina Kirchner estatizou a única empresa que fornece papel aos jornais do país, o que significa uma ameaça a todo e qualquer jornal que se atreva a criticar-lhe as decisões além do que ela permita. Quando consoma seus objetivos, o populismo estabelece o que ficou conhecido como a ditadura da maioria. Denominação, aliás, pouco apropriada, já que, nestes casos, o poder é, de fato, exercido por um líder carismático, a quem a maioria do povo segue cegamente.

FERREIRA GULLAR é cronista, crítico de arte e poeta. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2013.**